

ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS

Maurício André da Silva
Eduardo Kazuo Tamanaha
Márjorie do Nascimento Lima





Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,
RDS Amanã, convida para entrar e espiar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



Secretaria de
**Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas



**Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral
Diretor Geral

Emiliano Esterci Ramalho
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha
Coordenador do Grupo de Pesquisa em
Arqueologia e Gestão do Patrimônio
Cultural na Amazônia



Universidade de São Paulo

Vahan Agopyan
Reitor

Antonio Carlos Hernandes
Vice-reitor

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Paulo Antonio DeBlasis
Diretor

Eduardo Góes Neves
Vice Diretor

ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.

ISBN: 978-65-993062-2-8

DOI: 10.11606/9786599306228

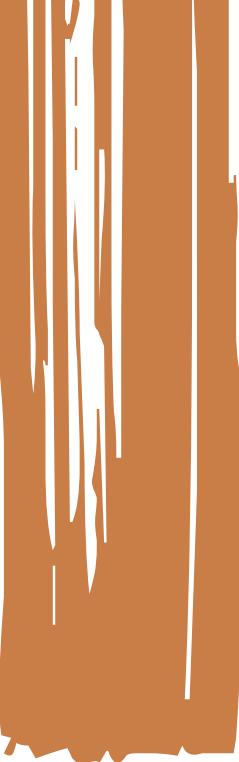
Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada. Proibido qualquer uso para fins comerciais.





ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá







Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá

SUMÁRIO

OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

1. Professor, professora, espia só! | *Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores)* **10**
- 1.1 Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **12**

VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

2. Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã | *Maria Tereza Vieira Parente* **16**
- 2.1 Arqueologia Amazônica | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **19**
- 2.2 Arqueologia do Médio Solimões | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **21**
- 2.3 Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro - Contexto de Manaus | *Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo* **23**
- 2.4 O que a arqueologia tem a ver conosco | *Maurício André da Silva* **26**
- 2.5 As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial | *Carla Carneiro e Maurício André da Silva* **28**
- 2.6 Colecionamento de coisas, de material arqueológico | *Maurício André da Silva* **31**
- 2.7 Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas? | *Carla Cibertoni Carneiro* **33**
- 2.8 Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia | *Márcio Amaral* **38**
- 2.9 Caco de pote, pote de gente | *Márjorie do Nascimento Lima* **40**
- 2.10 O que são as terras pretas? | *Márjorie do Nascimento Lima* **44**
- 2.11 O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente? | *Maurício André da Silva* **46**
- 2.12 Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente | *Patrícia Carvalho Rosa* **48**

ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

3.	Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades Maurício André da Silva	52
3.1	O território é a floresta, é o rio, é a Reserva Caetano Franco	54
3.2	O papel da arqueologia na área de Reservas Márjorie do Nascimento Lima	56
3.3	Cartografias participativas Caetano Franco	58
3.4	Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões Lisley Pereira Lemos	60
3.5	Arqueologia e as plantas Mariana Cassino	62
3.6	Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá Rubana Palhares Alves	66
3.7	É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé Jaqueline Belletti e Kelly Brandão	69
3.8	Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares Jaqueline Gomes	72
3.9	Arqueologia da FLONA Tefé Rafael Cardoso de Almeida Lopes	75
3.10	Arqueologia e as práticas funerárias Anne Rapp Py-Daniel	78
3.11	Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio Silvia Cunha Lima	82
3.12	Os estudos iconográficos na arqueologia Erêndira Oliveira	86

ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

4.	Orientações gerais para professores/as	96
4.1	Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá Maurício André da Silva	98
4.2	Arqueologia, cultura material e arte Karina Nymara Brito Ribeiro	100
4.3	Arqueologia e as práticas funerárias Maurício André da Silva	102
4.4	Preservação e conservação da cultura material Karina Nymara Brito Ribeiro	104
4.5	Introdução à arqueologia Maurício André da Silva	106

5. AGRADECIMENTOS

110

6. CRÉDITOS

116

O PAPEL DA ARQUEOLOGIA EM ÁREA DE RESERVAS

Que a Amazônia é vastamente formada por florestas nós já sabemos. Mas perguntas como, *qual a formação dessas florestas, como elas se formaram e quanto tempo resistirão ao desmatamento incontrolado*, ainda não foram respondidas.

O tema mais central nessas questões é a perda de florestas que ainda não conhecemos, sem a possibilidade de serem reconstruídas. No Brasil, essa discussão começou durante a década de 1960. Especialmente na Amazônia, durante o final da Ditadura Militar. Aproximadamente 30 anos depois, na década de 1980, uma série de áreas de proteção ambiental começou a ser definida pelo Governo brasileiro, eram as Unidades de Conservação.

Atualmente, cerca de 30% do território Amazônico é de terras protegidas (como as terras indígenas) e UCs. Se transformarmos esses aproximadamente 30% em números absolutos veremos que há 346 UCs demarca-

das no bioma Amazônico, sendo ele o terceiro bioma brasileiro com maior número de UCs reconhecidas. Outro aspecto importante é que a maior parte dessas UCs estão nos estados do Amazonas (93) e Pará (87).

Apesar de sabermos que a criação das áreas protegidas conteve o desmatamento e, em alguns casos, permitiu que as vidas das pessoas continuassem nesses lugares, desde 2008 o Governo brasileiro reduziu a criação de UCs. Além disso, estados como Pará e Rondônia sofreram mais visivelmente a redução de áreas protegidas, com a execução de grandes obras de infraestrutura (como hidrelétricas e rodovias) e aumento de pastagens ou grandes plantações, como a soja. Esse é um movimento que está acontecendo agora, através do enfraquecimento da legislação e afeta diretamente as florestas e as pessoas que vivem delas e próximo a elas. Mas nós, como cidadãs, cidadãos, ocupantes dessas áreas e cientistas ainda podemos contê-lo. Vamos ver como podemos fazer isso com a



Encontro das águas barrentas do Rio Solimões e negras dos lagos do médio Solimões.

Foto: Alicia Choo,
Instituto Mamirauá

arqueologia?

O que a arqueologia tem a ver com isso?

Através das coisas que as pessoas deixaram, a arqueologia da Amazônia tem demonstrado que a forma de viver por aqui foi muito diversificada ao longo do tempo. Quanto mais olhamos para o passado, mais vemos que a Amazônia tinha muita gente morando e que essas pessoas interagiam muito com o meio no qual moravam, visitavam ou simplesmente transitavam. As pessoas do passado gostavam de morar perto dos rios, dos paranás, dos igarapés, mas também na terra firme, tinham formas diferentes de construírem suas casas, enterrarem os mortos. Muitas das plantas que comiam eram cultivadas, outras não, mas “davam na floresta” e algumas delas fazem parte de nossas mesas até hoje, como o piquiá, a pupunha, o açaí, entre outras.

Através de estudos do solo, das plantas, dos potes a arqueologia demonstra que a Amazônia que conhecemos hoje foi amplamente habitada e transformada por pessoas durante milênios, sem que tenham sido derrubadas grandes áreas de florestas ou sem que povoados comparados a grandes cidades tenham precisado de recursos de áreas vizinhas para se manterem de pé. Outro fator importante é que apesar das longas distâncias as formas de fazer os potes, as plantas que eram cultivadas e as que não eram, a forma de enterrar os mortos ou de preparar a caça foram compartilhadas com parentes, vizinhas e vizinhos, amigas e amigos através de grandes redes de troca. Por isso, dizemos que a Amazônia foi antropicamente construída. Apesar de ainda haver áreas na Amazônia que não foram pesquisadas arqueologicamente. Para que se tenha uma ideia, das 93 UCs demarcadas no estado do Amazonas, apenas sete tiveram estudos arqueológicos e apenas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, esse estudo acontece desde 2006.

Chegamos ao primeiro ponto de discussão: Como esse lugar tão amplamente transformado pelas pessoas, que o tornou tão variado em matas e, consequente em animais que vêm atraídos pelas matas, pôde muitas vezes ser considerado como intocado, resultando, por exemplo, nas Unidades de Conservação de Proteção Integral, que não permite a presença de pessoas morando? Se pensarmos na extensão das terras pretas, das florestas antrópicas, dos cacos de potes não podemos falar de uma floresta intocada, mas de uma floresta que apesar da presença clara de pessoas, foi cuidada e zelada, por vezes, também manejada.

Uma das principais respostas para isso está na escala com que as pessoas do passado e nós do presente modificamos a Amazônia. Mesmo que a arqueologia tenha identificado grandes áreas transformadas, o nível de exploração do entorno era bastante diferente, também o consequente impacto na floresta. Imaginem que grandes cidades atuais, como Santarém e Manaus também foram no passado grandes povoados, locais onde viveram pessoas de forma contínua por aproximadamente dois milênios sem que isso tivesse impactado diretamente os recursos do ambiente. Ao contrário, prováveis práticas de manejo antigas foram tecnologias desenvolvidas por aquelas pessoas do passado e ao que tudo indica, essas práticas estavam espalhadas por toda a Amazônia, através das redes de troca. Algo semelhante é visto na atual cidade de Rondônia. Isso quer dizer que muitas das práticas de manejo e transformação controlada das florestas são culturais, foram heranças na forma de fazer, cuidar e gerir um ambiente, muitas vezes passadas de mãe e pai para filhas e filhos através de conversas e ensino, da oralidade, e por isso também podem ser conhecidos como “patrimônios culturais”, como também podem ser as coisas e os lugares onde as pessoas viviam.

Se, juntarmos a ideia de que um lugar especial é um patrimônio natural que se torna uma Unidade de Conservação, com o fato de ele também ser um patrimônio cultural, porque é o resultado da ação de transformação e manutenção de diferentes pessoas ao longo dos anos, teremos mais facilidade em criar práticas que sejam capazes de criar e manter as áreas de preservação.

O reconhecimento de como a floresta foi modificada, dos hábitos culturais das pessoas do passado e das formas de manejo e coleta de forma sustentável também parece ser a resposta para a questão sobre a criação de novas áreas de UCs. Parte dessa resposta a arqueologia também pode dar, através da investigação de diferentes sítios arqueológicos e florestas antrópicas, como são comumente chamados os locais de maior transformação das matas de um lugar feito por pessoas. Mas nós, arqueólogas e arqueólogos, só chegamos a essas áreas porque quem as habita ou conhece hoje nos fala que elas existem e nos mostra onde estão, cuidam delas também até podermos estudá-las. Zelar por esses lugares para mantê-los com suas matas, cacos do passado, animais é talvez a chave para sua resistência ao desaparecimento.